



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

| CPI - FUNAI E INCRA | | | |
|---|----------------------|-------------------|-------------|
| EVENTO: Diligência | REUNIÃO Nº: 0274R/16 | DATA: 12/04/2016 | |
| LOCAL: Município de São Félix do Xingu, Estado do Pará. | INÍCIO: 12h50min | TÉRMINO: 14h43min | PÁGINAS: 36 |

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

RODINEI ESCOBAR XAVIER CANDEIA - Procurador do Estado do Rio Grande do Sul.
FABIAN KURTEN - Servidor da Fundação Nacional do Índio — FUNAI.
LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados.
EIMAR ARAÚJO - Servidor da Fundação Nacional do Índio — FUNAI.
JOEL APARECIDO OLIVO - Servidor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA.
ADELSON COSTA DA CRUZ - Morador local.
RONALDO FAGUNDES TEODORO - Morador local.
ANTÔNIO BORGES BELFORT - Morador local.
ALDEIZIO DOS SANTOS - Morador local.
CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Morador local.
ENEILSON GOMES DA SILVA - Morador local.

SUMÁRIO

Levantamento de informações relativas aos fatos investigados pela Comissão.

OBSERVAÇÕES

Reunião realizada no Município de São Félix do Xingu, Estado do Pará.
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.
Houve intervenções fora do microfone. Ininteligíveis.
Há oradores não identificados em breve intervenção.
Há expressões ininteligíveis.
Grafia não confirmada: Perá.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hoje, dia 12 de abril de 2016, a equipe técnica da Comissão Parlamentar de Inquérito da FUNAI e INCRA, por determinação da Câmara dos Deputados, está na Base 1, na Terra Indígena de Apyterewa, uma base do Exército e da FUNAI, para ouvir e tomar conhecimento da situação em que se encontra o local.

Vamos ouvir agora os servidores da FUNAI Fabian Kurten e Eimar Araújo e o servidor do INCRA Joel Aparecido Olivo. Eles vão nos passar a situação que existe hoje aqui.

Quem dos senhores pode narrar um pouco a evolução da demarcação, aqui, de Apyterewa? Quem é que conhece e domina um pouco mais como é que ela aconteceu, como é que ela se iniciou? O Sr. Eimar domina mais? A parte prática, assim, de fato, como aconteceu?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, por favor. Como é um áudio, peço à pessoa que diga o nome sempre que falar.

O SR. FABIAN KURTEN - A Terra Indígena Apyterewa foi declarada pelo Ministro da Justiça, em 2004, através da Portaria nº 2.581, de 21 de setembro; posteriormente homologada pelo Presidente da República, no dia 19 de abril — Dia do Índio, inclusive — de 2007; e registrada no Patrimônio da União no dia 14 de outubro de 2008. De lá para cá, em 2011 — não é, Sr. Eimar? —, foram instaladas as bases operacionais por ordens judiciais, para proceder à desintrusão e à retirada dos ocupantes não índios do interior da Terra Indígena Apyterewa. Foram instaladas, inclusive, por projetos de compensação ambiental, por conta do impacto de Belo Monte. Houve recurso aplicado aqui por conta desse componente indígena. E houve, de lá para cá, vários reveses jurídicos, liminares, suspensões, que fizeram com que essa decisão não fosse cumprida anteriormente. No momento, a gente está em plena ação de desintrusão da terra indígena, cujo último documento que a gente tem foi publicado ontem, dia 11 de abril, que é a decisão do Dr. Omar, da Justiça Federal de Redenção.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Fabian, quem fala é Lucas. O senhor tem ideia do montante de recursos que veio destinado para cá? Por que eu estou te perguntando isso... E, também, de que forma, como esse recurso está





investido? Se seriam recursos suficientes para a indenização, que é uma coisa que eles têm questionado muito. Você sabe falar alguma coisa nesse sentido?

O SR. FABIAN KURTEN - Não, Lucas. Essa informação... Existe uma comissão de pagamento que estava, inclusive, até poucos dias atrás, aqui na área, em São Félix do Xingu, atendendo na sede do INCRA, em São Félix do Xingu. Permaneceu, anteriormente, nas duas bases, uma equipe composta por servidores da Coordenação-Geral de Assuntos Fundiários, vinculada à Diretoria de Proteção Territorial da FUNAI, em Brasília. E essas informações podem ser solicitadas, preferencialmente, diretamente a eles. Eu não tenho aqui, no nível operacional da desintrusão, esse tipo de informação.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Antes desta demarcação que foi feita, já existia a Terra Indígena Apyterewa, não é?

O SR. FABIAN KURTEN - O procedimento de regularização de terras indígenas se dá quando o Estado reconhece o direito originário de determinado povo indígena. Terra indígena, enquanto terra dos índios, existe muito antes, inclusive, da criação do Estado brasileiro, do Estado nacional. Esse é o conceito constitucional que foi colocado no papel na Constituição de 1988, que é o direito originário — os índios têm o direito sobre a terra a qual ocupam —, que são os arts. 231 e 232 da Constituição Federal.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A pergunta não foi essa. A pergunta é se, antes desse episódio de demarcação, já havia sido demarcada uma área para os indígenas.

O SR. FABIAN KURTEN - Esse histórico eu não conheço.

O SR. EIMAR ARAÚJO - Antes, houve um projeto de demarcação, que seriam novecentos e tantos mil hectares. Depois, na época dos estudos, houve movimentação, e aí houve uma redução, ela foi demarcada só com 773 mil hectares. O projeto inicial era mais de 900 mil.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E não existia, antes dessa, uma área de 290 mil hectares?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Eu não tenho conhecimento.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não?





O SR. EIMAR ARAÚJO - Eu tenho conhecimento dessa redução que houve na época, do projeto inicial.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Da área originária, o senhor não tem conhecimento?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Dos índios, aqui?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É.

O SR. EIMAR ARAÚJO - Não, não. Não sei.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Outra coisa: o senhor domina a respeito... Porque nós ouvimos já, tanto lá em Brasília como aqui, ontem, inclusive, ouvimos essa informação de que os indígenas seriam uma dissidência de uma disputa lá de perto da BR-153, muito distante daqui. O senhor tem domínio disso?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Eu entrei na FUNAI em 1979, trabalhando sempre lotado da FUNAI de Marabá. Então, mais ou menos em 1982, 1983, já existiam dois grupos parakanãs contactados, que ficam entre o Município de Itupiranga e Repartimento hoje, que é nas conferências do Rio Cajazeiras e Rio Pucuruí, na época em que eu trabalhava na FUNAI. Mas esses índios lá também recém-contactados, eles davam notícias desse outro grupo apyterewa, que eles teriam brigado. Essas cisões entre os grupos é algo muito normal e que existia. Daí foi fundada uma equipe que a gente chamava Frente de Atração, de servidores da FUNAI, na época chefiada pelo sertanista João Evangelista de Carvalho, já falecido hoje. Eles andaram, perambularam muitos anos à procura desses índios nesse trecho e tal. Se eu não me engano, no final de 1982, 1983, esses índios foram contactados aqui, na cabeceira do Rio Bom Jardim, que é um afluente também do Rio Xingu. E, quando isso acontece, então a FUNAI fica mantendo aqueles contatos. Mas os índios, como eram nômades, eles sempre estão mudando para outro lugar, e vão mudando. Então, tem muita caça, eles ficam aqui; começa a ficar difícil, mudam para outro lugar; e a FUNAI vai acompanhando. O que aconteceu é que aqui houve uma invasão muito grande de madeireiro na época, e esses índios assustam com a zoadada de máquinas, esse movimento todo. E aí eles, de lá, foram contactados a primeira vez. Eles foram andando, foram andando, para se livrar desse movimento dos madeireiros, até que pararam na beira do Rio Xingu. É a história que eu sei





contar sobre isso. Agora, do estudo de delimitação da área, apenas que estavam previstos novecentos e tantos mil, e que foi demarcada e homologada por 773 mil.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - O que a gente tem conhecimento, o que eles falam é o seguinte: hoje eles estão numa área de mais ou menos 290 mil hectares, de uma portaria de 1987, e que haveria agora essa — entre aspas — “ampliação”, porque eu acho que a portaria foi declarada nula, para 750 mil. A atuação de madeireiro hoje, ela existe? E, se ela existir, ela é dentro dessa parte mais próxima que nós estamos aqui ou mais perto da aldeia que eles estão lá? Você sabe informar sobre isso?

O SR. FABIAN KURTEN - Olha, a ação de madeireiros propriamente dita não existe por conta de um monitoramento ambiental e territorial que é feito pela FUNAI. É claro que existem limitações de pessoal. E, como todo órgão de Governo, existem suas limitações. Mas, desde a instalação, o processo de retirada de madeira — talvez o Sr. Eimar possa falar melhor —, ele já se deu na época da Mineração Taboca. Houve a retirada de muita madeira da região no passado, desde que a terra foi homologada e as bases instaladas posteriormente. E claro que, naturalmente, essas ações foram coibidas. Inclusive, recentemente, em setembro, foi feita uma ação conjunta com o IBAMA para coibir queimadas e novas aberturas de desflorestamentos, dentro do interior da terra indígena. Inclusive foram detectadas não para a retirada de madeira propriamente dita, para comercializar madeira, e, sim, para a abertura de pasto e queimada para aumentar as posses já existentes até então. E foi feita essa operação. Foram aplicadas multas; houve materiais apreendidos. Essas informações também podem ser consultadas junto ao IBAMA, que é o órgão fiscalizador, que trabalha muitas vezes em parceria junto com a FUNAI, no interior de terras indígenas.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quantos posseiros existem hoje dentro da área indígena? Quantas pessoas são, quantas famílias?

O SR. FABIAN KURTEN - No momento, esse número, ele não existe, porque há muita gente que saiu por conta própria, sem informar os órgãos envolvidos na operação, sem informar o INCRA ou a FUNAI. E existem inúmeras entradas. O rio, ele é transponível, em qualquer ponto. Não existe um número exato de famílias. O





que eu posso afirmar é que na região da base do Paredão existem pouquíssimas famílias, aquelas que têm direito à Belauto. E as demais, que já saíram de forma espontânea, inclusive por morar na região, às vezes adentram ainda para coletar alguma fruta, alguma coisa, mas que já retiraram suas casas espontaneamente, a partir do prazo que foi estipulado pelo oficial de justiça. Aqui nessa região tem pouca gente.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O próprio Município de São Félix do Xingu estima em torno de 7 mil pessoas ou 2 mil e 500 famílias ainda que precisam ser retiradas. Esse é o número com que a FUNAI trabalha?

O SR. FABIAN KURTEN - Acredito que não. Ele está um pouco diferente do número que a gente imagina ao realizar sobrevoos e ao contabilizar. A gente aqui, inclusive, estima e contabilizou a saída de mais de 70 mil cabeças de gado dessa região. A gente acredita que exista ainda algo em torno de 500 a 600 cabeças de gado. Só aquele gado arribado, que o pessoal fala, que é um gado bravo, que ficou para trás, é que eles estão retirando paulatinamente. E o número é bem menor do que esse, segundo os nossos levantamentos via aeronave e via monitoramento terrestre.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu pergunto por uma questão prática de se saber como vai ocorrer de fato essa desintrusão, essa operação de vocês, se não vai causar um impacto social muito grande. Ontem, nós estivemos na Fazenda Belauto, que seria o destino, e lá há 110 lotes de destino. Como é que ficaria isso?

O SR. FABIAN KURTEN - Vale lembrar que essa decisão não foi proferida pela FUNAI, mas, sim, pelo Dr. Omar Bellotti Ferreira, no dia de ontem, dando a continuidade da ação de desintrusão da Terra Indígena Apyterewa.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, a FUNAI não tem o número certo de pessoas que vão ser retiradas?

O SR. FABIAN KURTEN - Existem, sim, os levantamentos fundiários feitos pela FUNAI. Os ocupantes foram identificados. Existe todo um histórico que não nos cabe aqui também... Esse histórico pode ser consultado junto às coordenações respectivas em Brasília. E a gente aqui estima um número muito menor do que esse.





A FUNAI é obrigada a cumprir a decisão judicial de desintrusar a Terra Indígena Apyterewa.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Duas questões têm sido levantadas pelas pessoas comuns que a gente ouve oficialmente. São duas questões bastante importantes para eles. Ontem, inclusive, ouvimos dos próprios assentados em Belauto. Uma delas diz respeito ao que eles chamam de avaliação insignificante ou menor das benfeitorias que eles tinham — número de pés de cacau, de gado, de área de plantio. A FUNAI tem tido o cuidado de fazer essa avaliação? Procede ou não essa reclamação deles? Como é que está isso?

O SR. FABIAN KURTEN - Novamente, repito, o nosso papel aqui é operacional. A gente está vinculado à Coordenação-Geral de Monitoramento Ambiental e Territorial. Esse tipo de informação vinculada à indenização, à avaliação de bens, ela tem que ser solicitada à Coordenação-Geral de Assuntos Fundiários, em Brasília.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não são vocês que fazem esse levantamento?

O SR. FABIAN KURTEN - Não, senhor. É a FUNAI, mas são outros técnicos com especialização agrícola, pecuária. São outros servidores que fazem esse trabalho: engenheiros, agrônomos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Obrigado.

Há outro ponto que eles reclamam também, que é o seguinte: a FUNAI e o INCRA tinham uma relação de beneficiários que era considerada de ocupantes de boa-fé, em 2001. E essa portaria de 2001, que reconheceu, foi anulada. Foi feito um novo trabalho e foi determinado que a considerasse como ocupante de boa-fé até 2004. E eles alegam que a FUNAI está se baseando no estudo de 2001 apenas, e não no estudo de 2004 para fazer a indenização e a desintrusão, e até mesmo para o “realocamento” lá na Belauto.

O senhor tem conhecimento se a FUNAI, em 2004, refez isso?

O SR. FABIAN KURTEN - Não. Eu novamente repito que a gente está responsável pela operação de desintrusão. Não tenho as minúcias. As tratativas da regularização fundiária não foram feitas por essa instância da FUNAI que aqui está baseada.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O Sr. Eimar teria alguma informação a esse respeito?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Eu não. Eu também trabalho aqui desde 2011, mas é só em operação. Eu não participei do levantamento fundiário nem do estudo de delimitação da área. Trabalhei não, senhor.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sr. Joel, permita-me perguntar: dentro da área Apyterewa foi feito um assentamento do INCRA, em São Francisco. Quando o INCRA fez esse assentamento, ele não sabia que aqui era área indígena?

O SR. JOEL APARECIDO OLIVO - Bem, eu não tenho essas informações, porque estou há 1 ano só no INCRA de São Félix do Xingu. Para vocês conseguirem essa informação, vão ter que procurar ou a Superintendência de Marabá ou o Alan, que é Chefe da unidade do INCRA em São Félix do Xingu. Ele, com certeza, deve fornecer essas informações para vocês. Mas eu mesmo não tenho.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor não tem conhecimento de que essa área de São Francisco é um assentamento do INCRA?

O SR. JOEL APARECIDO OLIVO - Não, não tenho conhecimento.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O pessoal da FUNAI não tem essa informação? (*Pausa.*) Há mais alguma coisa?

Fabian, por favor, nós gostaríamos de conhecer a aldeia dessa área indígena. É possível? Você poderia nos informar como é essa aldeia? Você poderia nos informar isso? É possível nos acompanhar?

O SR. FABIAN KURTEN - Eu, particularmente, não conheço a aldeia. A gente aqui está vinculado à Coordenação de Monitoramento Territorial. O atendimento social, a promoção do etnodesenvolvimento do povo parakanã que habita a Terra Indígena Apyterewa é feito pela Frente de Proteção Etnoambiental de Altamira, que está vinculada à Coordenação Regional Centro-Leste do Pará, que está localizada em Altamira. Esse contato... O interessante seria que ele fosse mediado junto com a FUNAI de Altamira, especificamente com a Frente de Proteção Etnoambiental, para que não haja nenhum tipo de situação negativa para ambos os





lados. Eu particularmente não conheço as aldeias daqui. A gente está trabalhando somente na operação de desintrusão.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor não tem nenhum contato, então, lá na aldeia, de alguém que conheça e possa nos orientar?

O SR. FABIAN KURTEN - Não, não. Não conheço. Eu conheço... Eu passei já para Lucas o contato em Altamira, da FUNAI de Altamira.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Sr. Eimar, o senhor, que está aqui há mais tempo, sabe me falar o grau de interação desses indígenas com o restante da sociedade não indígena, se eles vêm à cidade, se eles falam português ou não, se moram em oca ou não? O senhor sabe informar mais ou menos se eles estão inteirados ou não da sociedade não indígena?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Eu conheço algumas lideranças indígenas lá, poucas, umas três lideranças indígenas, mas nunca fui à aldeia. Acredito que eles ainda vivem num estado bastante primitivo em decorrência do pouco tempo de contato. Então, nunca fui à aldeia. Sei que, se falar português, no máximo... Noventa por cento dos índios falam português. Os velhos nunca vão aprender português, da época do contato. As mulheres também, dificilmente, aprendem, porque elas não interagem com a sociedade — é mais difícil o contato. Mas vocês vão encontrar algumas pessoas, alguns indígenas lá que vão falar português, com dificuldade, mas vai dar para entender.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor disse que conhece as lideranças. O senhor as conheceu depois desta operação ou antes dela?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Não, senhor. Em uma ocasião, houve uma movimentação deles lá em Altamira. Ocuparam a sede da FUNAI. E eu trabalhava em Brasília na época e fui designado para negociar a desocupação da FUNAI. Então, conheci essas lideranças lá, nessa época.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não foi aqui, durante esta operação?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Eles já visitaram aqui duas vezes. Já vieram aqui duas vezes, das quais em uma eu estava aqui.





O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Quero perguntar duas coisas. A primeira é se aqui é uma área de conflito entre índios e não índios. Por conflito eu quero dizer algum conflito mais sério, como um conflito físico. A segunda é se esses indígenas, quando vieram aqui, fizeram algum comentário sobre essa área, sobre a ampliação, se eles a estavam esperando ou se não estavam, se houve alguma conversa nesse sentido.

O SR. EIMAR ARAÚJO - Eu não tenho conhecimento se houve conflito de índios e não índios aqui. À época que eles estiveram aqui, eles só vieram pedir... conhecer como era, se realmente estava sendo instalada base para desocupação da área. E o que eles... pedindo agilidade, pedindo agilidade para desocupar a área, porque eles querem formar aldeia aqui nessas proximidades.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual é a distância daqui até a aldeia?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Eu acredito que a primeira aldeia... São quatro. Pelo menos, 2 anos atrás, quando eles estiveram aqui, eram quatro aldeias. Possivelmente, pode ter mais, porque sempre há aquelas cisões entre eles. Pode ser que tenha mais. Mas daqui... Eu acredito que eles vieram pelo rio aqui de baixo. Eu acredito que dá uns 30 quilômetros daqui à primeira aldeia, mais ou menos — mais ou menos, porque eu não conheço.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eles querem criar novas aldeias aqui, é isso?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Sim, sim. Na época, eles disseram que queriam desocupar a área para eles formarem aldeia.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O.k.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Existe um levantamento de quantos indígenas há aqui na região?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Para vocês pegarem preciso, seria lá em Altamira, com a Frente.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Vocês têm uma ideia?

O SR. EIMAR ARAÚJO - Eu não tenho; precisa, eu não tenho, não.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Alguém gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Deixar algum...





O SR. FABIAN KURTEN - Da minha parte, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quero agradecer a gentileza; pedir desculpas por, eventualmente, um mau jeito no início; e agradecer a boa vontade de vocês de nos esclarecerem.

A nossa função aqui é reunir o máximo de informações, para levar aos Parlamentares, a fim de que eles possam dar os encaminhamentos que julgarem possíveis.

Então, a nossa intenção é extrair o máximo que nós pudermos de informação e levar lá, na impossibilidade de que se possa trazer a CPI e o Congresso aqui para esta região.

Muito obrigado pela gentileza. Peço desculpas por algum mal-entendido. Desejo a vocês um bom trabalho.

O SR. FABIAN KURTEN - A gente agradece e está à disposição também para qualquer outro questionamento. Estamos aqui para atendê-los.

(Pausa prolongada.)

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Damos início a mais uma reunião para a ouvida das pessoas da CPI da FUNAI e do INCRA, da Câmara dos Deputados, aqui na base 1 da reserva Apyterewa, no Município de São Félix do Xingu. Agora ouviremos as pessoas ocupantes que estão sendo retiradas da área no processo de desintrusão encabeçado pela FUNAI.

Sr. Adelson, conte-nos, por favor, há quanto tempo o senhor está aqui, como é que o senhor participou de todo esse processo, o que está acontecendo aí.

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Está inteirando 20 anos que eu estou aqui ocupando uma área. Aí, em 2005, veio uma vistoria pra saber quantas pessoas tinha na área. Essa vistoria não era para indenizar, não pegava benfeitoria de todos. A FUNAI ia no local, na terra; igual lá em casa, foi lá em casa. Aí eu procurei quantos anos eu ocupava a terra, eu falava quantos anos e eles iam anotando. Eles não davam cópia pra ninguém e no final davam uma folha, assinavam numa folha, no final, em branca, que tinha duas listas, escrito que eu não... Quase eu não sei ler também, que eu não tive oportunidade de estudar. Essa vistoria era pra saber quantas pessoas tinha na área, pra discutir a terra depois. E essa vistoria... Quando levantaram 1.200 famílias, aí eles pararam com o processo da vistoria, que aqui tem





mais 2 mil famílias. Aí eles pararam. Aí, quando foi no outro ano — que eles pararam por causa da chuva, não tiveram como entrar mais, a estrada é muito ruim —, aí, no próximo ano, voltaram para dar “continuamento” na São Francisco. Aí, quando eles voltaram, já voltaram falando que era pra indenizar, que a terra já tinha sido homologada. E nós fomos penalizados aqui porque eles não tiraram, não anotaram as nossas coisas pra indenização. Eles foram covardes com nós, porque nós temos atas feitas, documento que... após a vistoria será assentada... em assembleia e discutida uma parte da área desde que ficasse a posse da terra pros indígenas e parte pra nós. Isso nunca aconteceu. Aí, eles vieram 4 anos atrás pra tirar o povo, tiraram um bocado. Aí nós entramos na Justiça, brigamos, ganhamos. Aí, depois, eles ganharam, vieram pra tirar de novo. Essa semana eles me ameaçaram — que eu entendo como uma ameaça, porque um cara que está dentro da terra trabalhando, de boa-fé... vem falar de tirar você sem pagar nenhum tostão... Igual... Eu tenho 17.200 pés de cacau. No laudo ele botou 600 pés... que lá estava, a roça lá, pra quem quiser ver. Botou que eu tinha 600 pés. Aí ele procurou quantos anos que eu estava habitando. Eu falei que eu tinha 6 anos habitando a área. Ele botou que eu tinha... que eu estava com 6 meses. Então, tem uma tradição muito grande nesse meio das coisas que a gente falava, e eles anotavam do jeito deles. O cacau eles procuraram a idade, falei que tinha 4 anos e 6 meses. Eles botaram 6 meses. Está no laudo pra quem quiser ver. Eu não tenho acesso ao meu laudo, porque eu perdi o laudo, não sei o que que fez. Mas eu olhei lá na FUNAI, em Brasília, pedi pra eles me mostrar. Eles me mostrou, e eu fui vendo. E essas coisas estão ameaçando muita pessoa. Aí eu procurei o Eimar ontem. Aqui o pessoal da Força Nacional nem lá não foi. Falei pro... o Eimar parou, falou: *“Você está notificado pra sair até sexta-feira, tirar suas coisas que não vocês vão perder. Nós estamos aqui para tirar até sexta-feira”*. Eu falei: *“E a minha terra é aonde?”*. Ele falou: *“Não, isso aí é com o INCRA”*. Aí eu falei: *“E o meu dinheiro, que eu sou de boa-fé?”*. Ele falou: *“É, esse aqui eu estou pra cumprir ordem, e eles não me falaram isso”*. Eu falei: *“Rapaz, mas sem eu receber uma terra e meu direito... Não tem como eu abandonar o que é meu, que eu não tenho casa, não tenho um estudo pra ir na rua e arrumar um emprego. O que eu sei é lavrar a terra, plantar, colher, é isso que eu sei fazer. E o povo que está aí dentro sabe fazer isso?”*. Eu vou fazer o que na rua?





Não tenho condição de comprar nem um alqueire de terra, porque o alqueire de terra que custa 30 mil, 25, e eu sair sem nenhum centavo, eu acho que é uma injustiça muito grande da FUNAI fazer isso com o povo. Se nós tivéssemos grilado a área do índio, era outra história, mas eles que grilaram as nossas áreas. Há muito tempo eles vêm grilando. Como passa o tempo, acresce a área, passa mais tempo, chegou aonde chegou, atingindo mais de 2.500 famílias. Isso eu acho uma injustiça muito grande pra quem está tendo a terra, trabalhando, tirando seu sustento, que nós não tá... A fama nossa aí é de bandido, de pistoleiro, de madeireiro, de maconheiro. E é muito errada essa informação, porque eles têm 6 anos aqui, acampado aqui, correndo de calção, que eu sou acostumado topar pessoa da Força Nacional, companheiro fazendo serviço deles aqui, a 5 quilômetros daqui, só de *short*, correndo e fazendo física. Encontrei também já aqui, perto da taboca, pessoa do Exército, a 6 quilômetros daqui. Isso prova que nós não somos bandidos. A FUNAI deu essa informação muito mal contada e só com mentira, que não é verdade. E eu quero que vocês vejam essa coisa de perto. Nós queremos justiça, porque nós temos prova, documento que os índios não são daí, são invasores também, que vieram de outra área. Aí a justiça legalizou uma área de duzentos e pouco mil para eles. Nessa área, foram tirados colono e ribeirinho que moravam nessa área. E até hoje nunca pagou. De prova tenho aqui que vai... no depoimento e laudo de 80. Ele vai dar o depoimento para vocês verem quem que está falando a verdade: se nós ou a FUNAI. E eu agradeço a presença de vocês que estão aqui para fazer um trabalho...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sr. Adelson, responda-me o seguinte: quando há 20 anos o senhor veio para cá, conforme o senhor disse, você sabia que aqui era área indígena?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Não, até procurei uma associação que eu vi no Mato Grosso, e me disseram: "*Aqui é uma área da União, onde tem um assentamento do INCRA*". Eu adquiri a terra comprando. Aí o cara falou que já há 5 anos tinha apossado daquela área. Eu estive no INCRA nessa época, e não sei com quem eu conversei no INCRA. Procurei saber sobre o assentamento que tinha, se a gente podia comprar uma área. Falou que não tinha problema, aí eu não fui lá para São Francisco. Eu vim para esta área. Aí comprei, paguei e mudei para essa área.





Tenho minhas plantações. Quando eu comprei, já tinha pé de manga lá grande, com 2 ou 5 anos, com um pau mais grosso que o pé da mesa, e uma área pequena de abertura. Todas as aberturas que têm lá foram feitas em 2000 e em 2001, foram as aberturas que eu fiz. De lá pra cá, eu nunca fiz mais nada. Quando a vistoria veio em 2001, de lá pra cá, eu nunca abri mais nada. Parei, fiquei morando... e estou lá até hoje.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nesses 20 anos que está aqui, o senhor teve contato com esses indígenas?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Nunca. Nunca conheci nenhum índio aqui.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor sabia que tinha aldeia mais longe daqui?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Eu procurei... Em 2001, eu fiquei sabendo que pertencia a uma área indígena e que a aldeia fica a mais de 120 quilômetros daqui, na boca do Bom Jardim.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor tem ideia do valor das benfeitorias que têm lá hoje? Quanto custaria para o senhor repor essa situação que tem lá em outro lugar?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Rapaz, hoje, pra mim... Você fala pra eu fazer ou indenização?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Para indenização.

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Para indenização, eu tenho hoje um valor de dois milhões e meio, preço de indenização não justa, preço de indenização dado pela Norte Energia, lá no gabinete do Senador Flexa Ribeiro.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Por que o preço foi dado lá pela Norte Energia?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Porque nós a chamamos pra uma conversa, pra saber se era envolvida na área. Eles falaram que mantém todas essas bases. Aí eu perguntei: *“E na área de vocês, lá onde foram indenizadas as pessoas, quanto valeu um pé de cacau? O preço justo”*. Eles falaram: *“Não, lá nós não pagamos preço justo, nós pagamos o preço de negociação”*. E eu falei: *“Quanto foi o*





preço de negociação?” Eles falaram que o preço de negociação de um pé de cacau foi 46 reais. E eu falei: *“Esse preço não é justo”*. E ele falou: *“Não. Eu não vou falar para o senhor o preço justo”*. Esse foi um preço... nós sentamos com os colonos e negociamos. E o meu capim, o preço de negociação — eu tenho 40 alqueires de capim, cerca, curral e casa —, custaria 370 mil, o preço de negociação.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso seria suficiente para o senhor repor em outra área?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Isso seria suficiente.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas não para comprar outra área?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Não pra comprar, pra eu repor na outra área.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor teria que ser reassentado e construir? É isso?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - É, reassentado.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O INCRA e a FUNAI disseram que o senhor tem perfil para a reforma agrária?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Eles falaram que eu não tenho perfil para a reforma, porque eu tenho 100 alqueires de terra, tenho 40 formada. Tenho uma quantidade boa de cacau. Então, eles dizem que eu não sou digno de receber uma terra do INCRA.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor pode nos dizer, mais ou menos, qual é a sua renda anual? Quanto o senhor tira por ano?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Este ano eu tirei 7 mil quilos de cacau, até o ano passado. Este ano eu vou tirar... Porque o cacau, conforme você zela, ele vai produzindo. Eu passei, em 2005, quando surgiu, eu parei 6 anos sem zelar, e aí tampou de árvore. Quando foi em 2007, eu comecei zelar ele pra ele começar a produzir, e aí ele vai aumentando. Neste ano, eu creio que vou colher 2 mil, 10 mil quilos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o que isso dá de renda para o senhor?





O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Vai dar hoje 10 mil quilos. O quilo tá 8,50, vai dar oitenta e poucos mil.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Por ano?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Anual. Essa é a minha renda.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Essa é a sua renda.

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Eu pago a filha na faculdade e já tem outra que formou.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Essa é a renda bruta, sem considerar as despesas?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - É bruta, renda bruta, sem cultivar, né? Porque aí tem despesas, pra zelar, pra colher. Até agora tem uma colheita pra fazer. Na semana eu vou começar a colher, se Deus quiser.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor tem mais alguma coisa que queira falar para nós?

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - O senhor faz a colheita aqui, e como é que funciona? Eles deixam entrar pra colher e sair? E, talvez, teve alguma mudança?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Não, eles falaram que eu vou entrar...

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Teve alguma mudança que o senhor ficou sabendo?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Não eles falaram que até sexta-feira eu não entro mais.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Até sexta-feira dessa semana?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Dessa semana. Aí as minhas coisas que eu quiser tirar por tirar; se eu não quiser, vai ser confiscada.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Nem para fazer a colheita?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Pra nada.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Então, eles informaram o senhor que, a partir de sexta-feira, o senhor não faz a colheita, foi isso?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Foi, foi ontem. Falou que eu tenho um prazo pra retirar as coisas, até sexta. Eu falei assim: *"E o meu dinheiro de eu*





comprar as minhas coisas em outro lugar?”. “Não, esse aí eu sei que você tem direito, isso é de boa-fé, mas não foi relatado pra nós; nós estamos aqui pra cumprir ordem. A ordem é pra arrancar vocês”. Aí eu falei: “Tudo bem”.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Isso foi falado ou o senhor recebeu alguma coisa por escrito?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Só falado pelo Eimar, ontem aqui, na porta.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor tem mais alguma coisa?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Não, eu só quero que vocês tomem providências e não deixem a gente passar necessidade. Faz justiça...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Só para esclarecer para o senhor e para as demais pessoas: nós não temos esse poder de determinar e de tomar providência. A nossa providência vai ser pegar o relato de vocês e levar para os Deputados. Eles que vão fazer o encaminhamento lá na Câmara dos Deputados.

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - É eles que vão...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está entendido? Então, a nossa ideia de vir aqui é para tomar esses depoimentos e entender o que está acontecendo.

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Eu falei para o Eimar, ontem, e vou falar pra todos, que eu não saio da minha área. Tenho umas 40 vacas, e vou tirar elas pra trás; se a Força Nacional está pra dar apoio e a FUNAI fazer o erro — porque está fazendo errado, todo mundo sabe —, lá, eles vão matar um lá: eu. Eu não estou pra fazer arruaça; se eles derrubarem a casa minha... Foram uma vez pra derrubar, Deus não deixou. Eles voltaram da porta, quatro caminhonetes e um caminhão. Tinham invadido a casa do vizinho, invadiram, quebraram a porta, invadiram, trouxeram a mudança, trouxeram pra cá. E eles falaram que eu vou atirar e eu vou amarrado; eles podem tirar, mas eu vou voltar pra colher o meu cacau. Aí o que é que vai acontecer eu não sei, eu não tenho ameaça: quem sou eu pra brigar com a Força Nacional? Mas apanhar é ruim e dói. Isso é ruim! E eu não quero apanhar, não. Falo pro senhor, eu tenho essa idade, de 47 anos, fui na escola 1 ano.





Na escola, fiz a 1ª série primária. A sabedoria que eu tenho foi Deus que me deu e eu não sei escrever. Ler, eu leio alguma coisa; gaguejando, eu leio. Mas eu não tenho medo de ameaça de ninguém. Eu estou lá pra trabalhar, e vou trabalhar. E, se eu apanhar, que eu não sei se... porque tem homens ignorantes por aí e que abusam do poder. Eu posso apanhar, mas eu vou sarar as pisaduras aí dentro, que eu conheço... Eu nasci no mato, que eu sei lavar, e vou continuar aí dentro. E eu não vou tirar o meu gado, não. Se eu receber uma ordem de um juiz, no meu nome, eu vou obedecer porque é a Justiça, pra tirar o gado, pra eu não perder, mas eu volto pra dentro. Eu estou aqui pra falar pra vocês que tem muitas pessoas que tiraram as coisas; eu não, graças a Deus não tirei. Pessoa que perdeu mais de 50% das coisas, ameaçada; gente com arma na cabeça, aí dentro. Isso eu falo porque tem pessoa presente, testemunha. Ele vai dar... Quem colocou foi a Força Nacional, chamando de bandido e outras palavras, de vagabundo e tudo mais — eu acho que... falado pela... influenciado pela Força... pela FUNAI, né, que está pra dar apoio. Tem uns carinhas da FUNAI aí que eles são malcriados. Tem um que é até educado, dá pra gente conversar, mas tem outros que são ignorantes demais. Eu agradeço a vocês, e as minhas palavras são essas.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Muito obrigado.

Seu nome? (*Pausa.*)

Seu Ronaldo...

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Seu Adilson, só queria fazer uma breve colocação. É Adilson mesmo, correto?

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Adelson.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Adelson. Perdão. É claro que todo mundo se sensibiliza com a situação do senhor, que viveu tantos anos na área e agora está passando por esse constrangimento. E, independente de quem está certo, quem está errado, eu não estou aqui para falar, mas sempre tomar o cuidado, que o diálogo talvez seja o melhor caminho. E, se — a Força Nacional também, imagino eu, esteja aqui cumprindo ordem — alguém agir com abuso de autoridade, se alguém o agredir, igual o senhor falou, não revide, tente não revidar da mesma forma. Faça denúncia ao órgão, porque existem instituições para tentar coibir esse





tipo de acordo. Até agora, graças a Deus, não teve nenhum conflito aqui físico. Vamos pensar...

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - E nem vai ter, não.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Exatamente. Vamos evitar de haver o primeiro e vamos tomar as medidas que o senhor entender mais adequadas, mas dentro da lei e junto aos órgãos. É só essa colocação que eu queria fazer.

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Pra falar a verdade pros senhores, eu não tenho uma arma de fogo. Se tiver uma pessoa que falar... Porque um colono tem que ter uma espingarda pra matar um gavião mexendo nas criações, eu não tenho. Se tiver um que se levanta contra isso, que eu estou... quero que ele prove. Eu já tive arma de fogo, mas já tem mais de 8 anos que eu não tenho nada nem pra matar um passarinho. O que eu tenho lá de matar um passarinho é um estilingue de eu tocar vaca leiteira, porque eu não grito, aí eu pego o bolso e encho de pedra... Nossa, eu vivo a meter a pedra, e a bichinha corre pra cerca, e é um jeitinho bom que eu achei pra tocar, né? A bicha aprendeu fácil.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Seu Ronaldo, diga lá.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Meu nome é Ronaldo Fagundes. O meu problema de eu estar aqui é porque, quando nós chegamos, pra cá, em 2000, foi verificado que tinha um picadão, muito dentro aí, que pra lá era dos índios, pra cá era área devoluta. E eu só vim pra cá porque me cadastraram em 95, e até hoje nunca me entregaram a terra. E, quando fizeram o laudo aqui dentro, em 2005... fizeram o laudo e aí foram pro INCRA. Chegaram lá, o INCRA mostrou um espelho em que eu era beneficiado. Aí eu corri daqui, corri pra lá, e fui descobrir, há poucos dias, que eu era beneficiado sem eu saber. Aí eu fui, com o chefe do INCRA, procurei... *“Onde é a colônia que vocês me entregaram, a terra? Qual é o número do lote? E me disseram que eu tenho uma conta pra pagar aí.”* Aí eles disseram: *“Tem 15 mil reais... de uma casa, que você pegou em 2010”*. Eu digo: *“Eu quero ver a assinatura, onde foi que eu fiz essa casa”*. Então, é por aí o que se vai... o negócio. *“Como que eu vou fazer agora se eu devo aqui, sem ter pegado o dinheiro, nunca peguei nem a terra, e vocês mostraram pra FUNAI que eu sou de má-fé, porque sou beneficiado? Só que me cadastrou, mas nunca me entregou a terra.”* Aí eu estou





dentro da área, e, quando eu cheguei aqui, não tinha movimentação de índio. E outra coisa: no picadão, lá no fundo e pra cá duzentos e poucos mil hectares, que era liberto, nós entramos pra dentro. Aí todo mundo foi entrando e ficando. Aí, de repente, a FUNAI vem e grila a área e diz que nós somos os grileiros. E eu fui, com o cara do INCRA falei: *“E essa conta, que eu não peguei? Isso não cabe um processo aí, porque eu não peguei a terra, eu não peguei 15 mil reais pra fazer casa?”* Aí ele diz: *“Não, vamos dar um jeito de limpar”*. Mas eu tinha tirado um espelho, está comigo aqui, em que eu sou devedor. Aí, quando ele disse que limpou lá, que eu não devo mais, eu falei: *“Eu nunca devi”*. Aí eu falei: *“Agora me dá o espelho, que eu não sou devedor”*. Está aqui também. Então, eu sou cadastrado, e diz que eu sou de má-fé, que eu fui beneficiado. Nunca peguei nem uma balinha do INCRA, graças a Deus. Vou fazer 50 anos este mês, nunca peguei financiamento e estou livre, mas estou aqui dentro, trabalhando, lutando. Criei meus três filhos. O mais novo hoje está fazendo 18 anos e o mais velho 22 anos. E eu trabalho e não sou de má-fé. Eu sou de boa-fé. Esta é minha palavra que eu tenho aqui.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - O senhor pode mostrar esse documento para gente?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Posso, está aqui comigo.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Esse é cópia ou é do senhor?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Não, é meu.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Então vou tirar uma fotografia. Posso?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Pode.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - E eu gostaria de saber com quem o senhor conversou lá no INCRA.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Olha, foi com o chefe do INCRA aqui. Eu não sei o nome dele, mas eu estou com o documento aqui. Lá eu não procurei o nome dele, só sei que é o chefe, porque, no dia que eu fui, eu procurei se o chefe estava, que eu não sei ler e eu não guardo muitas coisas na cabeça. Eu não estudei também. Agora, acontece que o rapaz que estava lá me deu a primeira, aí eu tirei, em que sou devedor. Aí, quando eu conversei... Eu cheguei lá... *“o chefe está aí”*, na outra semana. Ele disse: *“Tá”*. Aí eu conversei com ele, falei: *“Dá uma*





olhada aí no meu cadastro, aí". Aí, quando ele puxou, ele falou que eu devia. Aí eu falei assim: *"Por que eu devo?" "É porque o senhor pegou 15 mil reais."* Eu falei: *"Eu nunca peguei esse dinheiro. Vê se tem assinatura. E quem não pegou a terra pega esse dinheiro?" "Não, o senhor é beneficiado."* Eu digo: *"Onde é a colônia? Qual o número do lote? Quem foi que me entregou o lote? Como é que é o nome da colônia?"* Ele diz: *"Não, não tem isso aqui, não".* Aí eu digo: *"E aí, não cabe um processo?" "Não, mas vou limpar pro senhor."* Aí, quando ele terminou... *"Tá limpo?" "Tá." "Então me dá um espelho."* Aí eu tenho os dois espelhos aqui.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso foi quando?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Isso foi agora há pouco. Está até marcado aqui. Eu não guardei na cabeça, mas estou com o documento. Deixa eu tirar aqui pro senhor ver.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Como é que ele era fisicamente, já que o senhor não lembra o nome?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Não, eu sei que é o chefe do INCRA

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Chefe do INCRA.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Do INCRA, aqui em São Félix do Xingu, São Félix do Xingu.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Hã?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É, atual, agora. Quer este aqui? Marca até o dia que tirei. Está a data aqui. Quer ver? Deixa eu mostrar pro senhor aqui. Eu tenho facilidade pra tirar aí. *(Pausa.)*

Esse aqui é um laudo. É um laudo, não. Esse é um espelho, este aqui é outro. Um eu devo, outro eu não devo. Entendeu? Tudo tirado lá, e eu nunca paguei nada e nunca tirei nada, mas num eu devo, noutra eu já não devo, que eu falei no processo, aí tiraram lá. E eu não tenho terra, nunca peguei. Fui cadastrado em 95, só que eu não peguei terra. E aí eu estou aqui e sou de má-fé, dizendo eles. Agora disse que teve um mistura lá, que disse que de 2004 pra trás ficou de boa-fé. Não estou sabendo. Isso foi informado.





O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Do Sr. Vantuil...

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Vantuil Fagundes Teodoro.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - E da Sra...

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Jenadira Isabel...

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO -.Fagundes...

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Isso.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - É justo.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Justo. Sou eu mesmo.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Em carne e unha, né, Ronaldo?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É. *(Pausa.)* Aí eu devo 15 mil reais e na outra eu já não devo é nada, e nunca paguei e nunca tirei.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Mas ele falou "*Vou limpar*" sem o senhor...

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É, ele falou: "*Vou limpar*".

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Só assim, "*Vou limpar*"?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Foi, "*Vou limpar*". Aí eu falei assim: "*Mas e aí, como é que vai ficar a minha situação, porque eu estou cadastrado e nunca peguei terra?*" "*Não, o senhor tem quantos anos?*" Eu falei: "*Vou fazer 50*". Aí ele disse assim: "*Não, fica aí porque, se um dia você comprar uma terra na PA Tucumã, vale pra esse cadastro*". Eu digo: "*Mas e aí?*"

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É este senhor aqui, de cima? *(Pausa.)*

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Rapaz, está fácil de saber. Eu não guardei bem a memória dele, mas aqui está o dia em que ele entregou. Aí, se ele estava nessa... exercendo isso no dia... Está a data aqui em que ele me entregou, aqui, ó. Este aqui foi feito. Se era ele que estava lá no INCRA em São Félix do Xingu, é ele. Foi aí, está a data aí, o dia que foi coisado, viu? Quem estava lá nesse dia era esse aí.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em 2014?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É. Em 2015, não?

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Em 7 de outubro de 2014.





O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - E esse outro? Tem diferença de um dia para o outro.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Em 29 de agosto de 2014.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É, foi tudo pertinho um do outro.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Esse é devedor?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É, um é devedor, o outro é limpo. Esse aqui, olhe, 15 mil reais. Nunca peguei. Está aí. E nesse aqui já não tem. É o que ele me entregou, ele diz que eu não devo. E nunca peguei terra também, não. Nunca me entregaram essa terra. Só é cadastrado. E disse que se eu comprar uma terra, hoje, lá vale o cadastro. Eu disse: *“Mas e o que fez mesmo? Cadê o benefício?”* Mostraram pra FUNAI que eu sou beneficiado. Só porque cadastrou sou beneficiado? Eu não entendi.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Alguém ofereceu ao senhor ir para a Belauto?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Não, teve um dia que eu passei aqui, quando entrou a primeira polícia aqui, disse que era pra eu ir pra lá. E eu falei: *“O senhor não acha que um problema por cidadão não está bom, não? O senhor quer me colocar dois problemas?”* Aí ele ficou calado: *“Você que sabe”*. E eu continuo na área. Graças a Deus, não andaram onde eu estou. E estou lá quietinho, com meu serviço, trabalhando, criei meus filhos foi aqui dentro. Dizem que andaram por lá de helicóptero, e não me acharam. Vou dar um pouco de trabalho pra achar porque eu não sou muito besta também. Agora, eu quero ver se resolve pra depois achar.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Alguém falou para o senhor igual falou para o seu Adelson: *“A partir de algum momento, não entra mais aqui?”*

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Já. Quando chegou a primeira polícia aqui, há uns 5 anos atrás, eles falaram que com 6 meses não ia passar mais. Isso aí eu vi que era só conversa, pressão. E a gente já acostumou com pressão. Hoje, tudo o que eles falam aqui eu não acredito mais. Não acredito em mais nada, porque é tanta coisa que já contaram aqui que não é nada verdade. No dia que cheguei aqui eram 10 dias. Se passasse de 10 dias, pagava 10 mil de multa e perdia





o que tinha aqui dentro. Eu digo “*É mentira!*” E foi verdade o que eu falei, porque era mentira, não se cumpriu.

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Aí tinha a decisão...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mais alguma...

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Eles falaram isso baseado na decisão.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Certo, mas não cumpriu.

O SR. ADELSON COSTA DA CRUZ - Mas não cumpriu, a gente deu conta de suspender.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Certo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mais alguma coisa? Qual é o lugar que o senhor mora aqui?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Agora, aí pra eu abrir o jogo eles vão me achar lá, não é companheiro? (*Risos.*)

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, não. Como é que se chama? Como é que se chama?

(Não identificado) - O sítio lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, não. Então, se o senhor não quer dizer, deixe.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Certo. Certo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nessa área, o senhor teve contato com indígena?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Não. Quando foi na época que eles vieram e fizeram o laudo aí eles apareceram lá, parece que levaram lá o... Como é que fala?

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É, levaram lá e mostrou pra eles lá um levantamento. Eles pegaram, foram ao barraco onde nós estávamos. Aí roubou os trens, mas não falou em terra, não. Eles só apanharam os trens que tinha no barraco e foram embora. Também não mexeu nem brigou nem bateu em ninguém, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quem roubou?





O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Rapaz, tinha muita gente branca no meio e uns índios. Aí eu não conheço...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Roubaram o quê?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Roubaram a motosserra, apanharam os arreios, saíram vendendo baratinho pra fazer uma festa de São Sebastião lá pra baixo, por onde eles descem na canoa e vão embora.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hum, hum. E estava junto com o pessoal da FUNAI?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Não, tinha uns homens brancos, mas eu não conheço, não. Mas tinha homem branco sem ser índio.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Não sei quem é também, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não tinha uniforme da FUNAI?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Não, não, não. Tinha não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O.k.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Aquilo era só um roubo mesmo que eles estavam fazendo, aproveitando e botando os índios pra...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual é o tamanho da sua área?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Minha área é 100 alqueires.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Cem alqueires?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Já avaliaram a sua área ou não? Fizeram alguma avaliação? Não? Nada.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Não, tem o laudo de lá da época que foram, naquela época. Mas só que de lá pra cá eu estou trabalhando, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E qual é o valor? Se ocorresse uma indenização lá, qual é o valor que o senhor deveria receber?





O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - A gente não está afim disso, mas se for ocorrer isso aí é um milhão e meio, porque eu estou com 50 alqueires, que eu estou lutando em cima lá. E só não levei um gado pra eu começar a minha vida por causa dessa “moagem”, não vai e nem vem.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E eles chegaram a lhe oferecer algum valor?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Não, tem o laudo aqui.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - No laudo dele... Tem o laudo de avaliação?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Tem.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Acho que não tem mesmo, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quando é que o senhor ...

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - Eu entrei em 2000.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em 2000?

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É, e eles passaram lá em 2005, não em 2007. Foi?

(Não identificado) - Em 2005.

O SR. RONALDO FAGUNDES TEODORO - É, em 2005. Em 2005 que eles passaram. *(Pausa.)*

O SR. ANTÔNIO BORGES BELFORT - Meu nome é Antônio Belfort. Sou um dos proprietários daqui de dentro da área. Eu gostaria de falar aqui como proprietário e como Presidente da Associação do Paredão. O que acontece? Aqui tem várias situações distintas. Quando eles vieram aqui fazer o levantamento, eu, discordando dos companheiros... Pode olhar aí que tem aí a data. Foi em 2006 que eles vieram fazer o levantamento. Isso um acordo de uma audiência que nós tivemos no Ministério da Justiça em 2005, se não me engano, em maio. Eu tenho esse documento. Ficou de vim fazer o levantamento aqui. E, através desse levantamento, ia haver uma negociação pra saber se reduzia a área, se não reduzia. O que aconteceu? Em 2006, eles vieram, fizeram aqui no Paredão. Aí, o tempo chuvoso, chovia muito naquela época e as estradas ruins, o acesso ficou terrível, e





eles não tiveram condição de visitar todos. Foram embora. Em 2008, eles voltaram lá pra São Francisco, Viado Queimado, Barra Mansa. Quando eles voltaram, eles voltaram fazendo levantamento pra fim de indenização. Em 2007, no dia 19, ocorreu a homologação da área, no dia 19 de abril de 2007. Então, quando eles voltaram em 2008, eles vieram fazendo o levantamento pra fim de indenização. O nosso aqui, quando eles vieram fazer, eles falaram que era o levantamento pra saber quantas famílias existiam na área, e era o acordo que nós tínhamos. Eu tenho esse documento. Se eu não o passei pra CPI, eu posso fornecê-lo. Então, o que acontece? Como não visitou todo o mundo, aí, eles vieram aqui em 2008 ou já em 2009. Mas não teve condição de continuar o levantamento. Fizemos um documento, de comum acordo com o pessoal do INCRA e da FUNAI que estava junto, para que eles voltassem depois. Nunca mais voltaram. Em 2011, quando nós estivemos em Brasília numa manifestação em que passamos mais de 1 mês, o Ministro da Justiça, os Presidentes da FUNAI e do INCRA, o do Terra Legal, assinaram um documento que já está em poder de vocês aí da CPI, se comprometendo a fazer as casas, a organizar a terra pra quem fosse apto a assentamento do INCRA. E quem não fosse apto a assentamento do INCRA, seria assentado pelo Terra Legal. O que aconteceu? Aqueles que faltou fazer a vistoria... Lá, no documento, consta que a FUNAI tinha que vir fazer a vistoria. Nós tínhamos que apresentar a documentação coletiva ou individual. Nós apresentamos, da área do Paredão, 148 nomes e protocolamos no Ministério da Justiça, na FUNAI e no INCRA... Esses documentos constam aqui nessa base. Eles nunca deram um passo pra terminar de fazer o levantamento. Nunca aconteceu isso. Aí, veio a questão da Resolução nº 220. Eles editaram a Resolução nº 220 em cima de uma portaria nula de 2001, que é do conhecimento de vocês. Aí, entramos na Justiça. Nós temos um acórdão do TRF, dizendo que todos, até 22 de setembro de 2004, estão aptos a receber a indenização. Eles nunca falaram em indenização aqui pra nós, nunca! Eles querem tirar aqui... Lógico que tem uma determinação da Justiça, mas a determinação da Justiça não é só a do processo daqui como a dos vários processos da FUNAI é cheia de falcaturia e de mentiras. Eles não falam a verdade, não falam a verdade. Então, o que acontece? Tem uma determinação da Justiça? Tem. Agora, querem cumprir uma determinação sem cumprir as obrigações que eles têm conosco. Que





ele pague o preço justo das coisas nossas aqui e arrume outra terra, porque ninguém vai brigar! Aqui, não precisa esta Polícia estar aqui se eles vierem aqui nos pagar. Não precisa, não precisa. Entendeu? Aqui, é todo o mundo... Se disserem assim: *“Ó, está aqui, nós viemos aqui pra pagar você. Amanhã, nós cuidamos disso aí”*. Não precisa ninguém reclamar pra nós e dizer assim: *“Ó, você tem que sair”*. Outra coisa que aconteceu aqui na decisão. A decisão do Juiz Substituto que determinou a reintegração de posse aqui... Quando veio a intimação, ele não me intimou pessoalmente. Veio uma intimação de um modelo só pra todo mundo, pra todo mundo! Entendeu? Quem me intimou aqui foi um funcionário da FUNAI; quem me intimou aqui foi um funcionário da FUNAI. Não foi oficial de justiça, não! Não sei se ele tem o poder de oficial de justiça. Mas quem me intimou foi um funcionário da FUNAI por nome de Paulo, que sempre fica aqui nessa base. Não foi oficial de justiça.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está bom. Vamos ouvir o restante do pessoal, senão nós não vamos conseguir ouvi-los.

O SR. ANTÔNIO BORGES BELFORT - Então, tudo bem.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual é o seu nome?

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Aldeizio dos Santos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Aldeizio dos Santos.

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Também vim aqui para esta reunião porque a gente foi convidado. A gente é de 1963, a gente nasceu e se criou já dentro dessa área, onde ela faz uma divisa na beira do Xingu. Lá, a gente nasceu e se criou. Somos muitos irmãos. E aí, tem 24 anos que fizeram levantamento juntamente com nós, com a minha mãe. O meu pai já tinha falecido, e até agora eles fizeram, eles deram laudo, que a minha mãe é falecida, eles deram o laudo, só que não pagaram nunca, você está entendendo? Aí, depois, a gente pegou...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Tá. Pra entender: não tem a ver com esta demarcação agora, tem a ver com a primeira demarcação.





O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Com a primeira demarcação, o senhor está entendendo?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor morava lá onde moram os índios?

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Lá onde moram os índios. Hoje é uma aldeia onde nós morávamos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Vocês moravam lá, e não tinha índio?

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Não! E aí nós tocamos o barco pra frente. Aí, quando foi agora... que foi pra tirar o pessoal, sobre negócio de indenização e tal, aí veio o laudo no nome da minha mãe. Mas já a gente ficou pra trás porque a FUNAI alega que eles não podem pagar, porque veio no nome da mãe da gente. Aí, depois que a gente ficou de maior dentro da área, a gente conseguiu documento com o INCRA — CCIR, de 40 alqueires. Na limpada das picadas, quando o pessoal estava entrando aqui, a gente foi limpar lá, os índios pegaram nós, levaram pra lá. Passamos 3 dias presos. O Sr. João Cleber era um companheiro que conhecia muito a minha mãe, que é a Maria Preta, do finado Porfírio. Meu pai é enterrado lá dentro da área. É conhecido nosso o Sr. João, ali. Então por aí vêm essas informações: um lado bom, mas sempre mais ruim do que bom. Sempre a gente continuou conversando com os índios. A gente para e conversa com o Sapinho: *“Sapinho, por que você mandou os homens pra me pegar, esse Deizim?” “Negativo. Os meus homens não vai pra lá, porque eu sei onde é a nossa área, tu sabe também. Aí pra cima nós não tem nada a ver. Nós não pode caçar problema com branco, porque nós não pode nem andar na cidade se caçar problema com branco”*. Agora vem a FUNAI pra “desaquietar” todo mundo, e a gente fica sem entender.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, o próprio chefe indígena, esse líder aí, o Sapinho...

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - É o Sapinho.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ele disse que ele não tem interesse na área...

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Não, porque nessa altura... Quando nós conversamos, ainda não tinha homologado a área — você está entendendo? —, que





nem foi agora em 2007. E aí eu conversei: *“Sapinho, por que você mandou os homem me pegar? Eles eram 22, e nós só era 2”*. Ele falou: *“Dezinho, o meu povo não vai... Eles vieram aqui pra completar 60 homens, mas o meu povo não vai. Por quê? Porque eu sei onde é a área indígena: é daqui do Bom Jardim para baixo. Tu sabe também! Todo mundo sabe. E aí vamos caçar problema aí pra cima?”* Na verdade, foi essa área que foi acrescentada, que antes era pra lá. E depois que foi acrescentada e foi homologada, aí é que pegou a homologação por aqui tudo. Mas antes, não. Ela não chegava aqui.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E quando fizeram essa primeira demarcação lá... O senhor lembra quando chegaram os índios lá?

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Os índios eles têm trinta e poucos anos na área.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Lembra como eles chegaram? Se sozinhos ou se acompanhados de alguém?

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Não, não. Eles chegaram somente... Eles chegaram, vararam aqui no Xingu. E aqui teve uns problemas. Desceram rio abaixo. Quando chegaram lá, toparam com os índios arauetés, tiveram uma brigada. Aí voltaram para o Pé-de-Morro, lá da “Perá”. Ficaram pra lá. Depois eles vieram lá pra onde Mucuím tinha pista. Aí eles não podiam voltar pra lá, porque de lá, de onde eles saíram, eles passaram a fazer moradia na cabeceira do Pacajá. E os índios...

(Não identificado) - É Xikrin, da trincheira Pacajá.

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - É, mas tem os outros lá... Os juruna, os índios jurunas lá atacavam eles. Aí eles pegaram... correram e vieram aqui pro Xingu. Aí, daqui, eles não podiam voltar de onde eles vieram, não podiam subir aqui, para onde eles vararam no Xingu, não podiam descer lá, porque topavam com os arauetés, que tiveram conflito. Aí ficaram nessa área aqui juntamente na pista do Mucuím aí o tempo todo!

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eles ficaram ali porque eles, na verdade, não conseguiram voltar?





O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - É. Não conseguiram voltar porque já vieram corrido. Aí ficaram. Inclusive, quando a FUNAI pegou eles, eram 132 índios somente.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É?

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Era. Todos os índios parakanãs eram 132 índios.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E, quando eles foram colocados lá, como é que foi a convivência com o senhor? Os senhores continuaram morando lá?

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Não. Nós ficamos lá. A aldeia deles era lá embaixo, na boca do Bom Jardim, onde continua a primeira aldeia hoje, na boca do Bom Jardim. E aí, com a continuação, eles começaram a malinar o que era da gente, que aí carregavam até as panelas em cima do fogão. Aí os companheiros da FUNAI diziam: *“Deizim, por que vocês não permaneceram?”* Eu falei: *“Até agora, comendo comida assada, não tem jeito”*. Porque até as panelas eles carregavam. E aí? A gente tem que abrir fora. Aí foi o tempo que a FUNAI veio, fez o levantamento com a gente dentro, com esse interesse de indenizar. Isso tem vinte e poucos anos. Mas dinheiro, nada.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Como é o seu nome todo?

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Aldeizio dos Santos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o senhor e os seus parentes nenhum...

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Não. Nada. Até agora, nada.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Onde é que vocês moram agora?

O SR. ALDEIZIO DOS SANTOS - Hoje, estou morando perto da Nova Vida, um assentamento que tem. Os meus irmãos estão morando lá na Beira Rio. O Batista aqui sabe lá onde é também, o senhor está entendendo? E aí estamos espalhados! Mas sobre direito de FUNAI não conseguimos nada.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O.k. Obrigado.

(Não identificado) - Doutor, eu tenho uma cópia do laudo dele.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Forneça-nos a cópia, por favor.

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Pessoal, o meu nome é Cledione Cláudio Rosa. Sou habitante da área desde 2004. Em 2006, a FUNAI veio fazer um levantamento igual ao que o Belfort já falou, o Adelson, também. Eles não falaram pra nós que era para fim de indenização. Falaram pra nós que era realmente pra saber quantas pessoas existiam dentro da área. E o meu laudo eles colocaram de 2005, inclusive eu saí até de má-fé. Mesmo com essa outra reviravolta que teve agora, eu não saí ainda de boa-fé, porque eles fizeram o laudo meu como eu sendo de 2005. E eu vim no mesmo ano que o Belfort veio. Compramos as terras juntos. A minha terra faz divisa com a dele. Nós não somos invasores. Nós compramos as terras. Eu tenho o laudo meu feito pela FUNAI. Foi feito em 2007... Em 2006 que a FUNAI fez o laudo. E eles colocaram como eu sendo habitante da área de 2005. E eu, na verdade,...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual o ano que o senhor veio?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Em 2004.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor veio pra cá pra morar em 2004?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Em 2004. E o meu laudo saiu de 2005. Eu tenho provas, porque eu tenho um contrato de compra e venda da minha área que eu fiz. Eu comprei a área em 2004, e, no meu laudo, saiu de 2005. Eu sou considerado de má-fé. Eu fui ameaçado aqui pela FUNAI. Eu fui o primeirinho a tirar as minhas coisas aqui dentro. Eles chegaram num dia; no outro dia, eu passei com o meu gado aqui. Por quê? Eu passei aqui, eles falaram: *“Olha, vocês têm 10 dias pra sair. Se vocês não saírem, vocês vão perder... As coisas vão ser confiscadas, vão perder tudo o que vocês têm dentro e vão pagar uma multa de 10 mil reais por dia”*. Agora, a gente que vive aí dentro trabalhando, tirando o nosso sustento dos próprios braços, quem é que não vai ficar com medo de uma ameaça dessa? Aí, a própria FUNAI fala o seguinte: *“Vocês saíram porque quiseram. Ninguém obrigou”*. Eu quero que vocês me falem se existe uma ameaça maior do que essa: *“Ou vocês tiram, ou, então, vocês perdem”*. Foi o motivo... que todo o mundo saiu. Muita gente saiu por





causa disso aí, por causa de ameaça da FUNAI, e sem provas, ameaça coletiva dela. Igual ao que Belfort falou: *“Fui notificado”*. Eu cheguei aqui, aí eles falaram: *“É o seguinte: hoje o oficial não está aqui, você passa aqui segunda-feira que nós vamos te notificar”*. Tudo bem. Passei numa segunda, procurei e não estava; passei na outra segunda... Aí, ele me falou assim: *“Você tem tantos dias pra sair. Eu falei: “Moço, é o seguinte: todo dia que eu passo aí vocês falam que eu tenho que ser notificado e eu nunca fui notificado”*. Aí, ele falou assim: *“Você quer ser notificado agora?”* Eu falei: *“Quero”*. Aí ele falou assim: *“Espera aí que vou ali chamar um oficial”*. Quando veio de lá para cá, veio um servidor da FUNAI, por nome de Paulo, que eu sou conhecedor dele aqui desde o começo. Aí, quando ele veio, eu até falei: *“Mas você, Paulo, que é o oficial?”* Ele falou: *“Eu sou nomeado pelo (ininteligível.)* Falei: *“Cadê o documento que prova?”* Ele não teve o documento pra poder me mostrar e me notificou. Eu tenho a notificação lá, em casa, feita por ele, pelo Paulo. E o seguinte: eu gostaria que desse uma olhada na situação de cada um, ver como é. É igual ao que o Belfort falou, se a FUNAI viesse com a verdade, analisasse a situação de cada um, ver, por exemplo, o que eu tenho feito lá hoje, avaliasse num valor justo, chegasse e falasse assim: *“Está aqui o seu valor. Você tem direito a um tanto. Está aqui, irmão”*. Eu tenho certeza... É igual a que o Belfort falou, já não tinha ninguém mais aqui dentro, nós não estaríamos nesse conflito.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual é a sua área?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - A minha área... Você quer saber o total da minha área? A minha área é 43 alqueires.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o senhor tem o valor da indenização? Estima que seja quanto isso?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Não. Lá ainda não foi feito um cálculo...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A FUNAI não fez?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Não. A única coisa que a FUNAI fez foi um laudo. E o seguinte: esse laudo quando a FUNAI fez, pra vocês verem o tanto que a FUNAI agiu de má-fé com nós, ela não deu segunda via pra ninguém. Depois de 2007, quando a área foi homologada, que eles viram que tinha feito a coisa





errada, o que eles fizeram? “Vocês vão ao INCRA pra poder pegar a segunda via do laudo.” O nosso laudo foi fornecido depois. Quando eles fizeram o levantamento, ninguém tinha segunda via.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o senhor tem o laudo?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Eu tenho o laudo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E tem avaliação nele?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não tem avaliação?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Só tem o laudo do que tem?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Só tem o laudo só do que tem.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E confere com o que o senhor tinha?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Na época, confere.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Confere.

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Na época, confere.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está bem. Mais alguma coisa que o senhor queira nos dizer?

O SR. CLEDIONE CLÁUDIO ROSA - Eu queria falar assim: a gente hoje é igual ao que o Adelson falou. Tem muita gente que a vida dele está ali dentro. Não são só as coisas, porque tudo que a pessoa construiu está aqui dentro. Aí é o seguinte: a FUNAI está querendo nos tirar daqui igual a você pegar, por exemplo, um caminhão daquele ali, pega ele e joga lá fora e pronto. Eu acho, assim, que nós seres humanos temos que ser enxergados de um modo diferente, porque aqui somos todos homens trabalhadores. Aqui não tem ninguém bandido. Aqui todo mundo, em qualquer localidade... Eu não sei se desse pessoal da Força Nacional tem alguém que já andou pra dentro aí, mas, em todo lugar que eles foram, eles foram bem recebidos. Eles nunca receberam ameaça de ninguém aqui dentro,





nunca. Está todo o mundo respeitando o direito deles, porque nós sabemos que eles estão aqui também cumprindo ordens, como eles falaram. Só que nós queríamos que eles cumprissem a ordem de acordo... que servisse pra todos. E a FUNAI está cumprindo ordem do jeito dela. A FUNAI não está cumprindo ordem, ela está criando ordem. Essas são as minhas palavras. Eu passo a oportunidade pro meu amigo. Muito obrigado.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Obrigado.

O SR. ENEILSON GOMES DA SILVA - Meu nome é Eneilson Gomes da Silva. Eu vim hoje pra participar desta reunião. Na hora que eu ia passando aqui, o Eimar me parou ali e falou que o rapaz do índio queria falar comigo. Ele falou que era pra mim agendar a mudança aí pra sexta-feira, pra ir lá pra Belauto. Eu fui sorteado, na época, com um lote, só que, no lote, não existe um lugar pra fazer um barraco, porque é só um brejo. E eu nunca quis ir pra lá mesmo. Eu só sei viver do meu trabalho, e lá não tem nem como fazer nada de roça, de trabalho. Aí eles agendaram e falaram que, na sexta-feira, se eu não fosse pra lá, aí a Força Nacional ia me levar na marra pra lá. Hoje é a reunião. Aí eles falaram que, se eu não fosse hoje, amanhã, se eu for lá pra ver esse negócio desse lote, eu não vou entrar mais aqui. Eu falei: *“Mas como é que pode um negócio desses? Eu estou com a minha família aí dentro. Eu tenho uma mulher e quatro filhos, que estão até estudando na escola lá. Como é que eu não vou poder entrar?”* Ele falou: *“Nós estamos aqui pra cumprir ordem. Pode até entrar, mas vai entrar com caminhão junto já pra buscar a mudança”*. E lá não existe um lugar pra fazer um barraco, é só brejo. É aí que eu acho uma injustiça mesmo com a gente que está dentro de casa, com mulher e menino, e ser jogado no meio da rua, no meio do brejo lá, onde não existe um lugar pra fazer uma casa, é só brejo. Então, na mesma época em que o Adelson entrou aí, eu entrei, e tem um bocado de serviço lá. Agora, eu estou de boa-fé também, e eles não falam de pagar nada também não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E não falaram em lhe pagar nada de indenização?

O SR. ENEILSON GOMES DA SILVA - De jeito nenhum.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Já lhe deram o laudo, o valor, alguma coisa?





O SR. ENEILSON GOMES DA SILVA - Não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nada?

O SR. ENEILSON GOMES DA SILVA - O laudo eu tenho, mas valor, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não? O senhor não tem ideia de nada, então? Então, se o senhor saísse da sua terra hoje e fosse lá, o senhor não teria o que comer lá?

O SR. ENEILSON GOMES DA SILVA - Nada, ia ficar no meio da rua, no meio do tempo. Se vier uma chuva, vou ficar no meio da chuva lá, no meio do capim, que é só o que tem lá. Nesse lote mesmo nem capim não tem, é só brejo, uma mata, igual ali, porque lá não teve nem como. O fazendeiro deixou a reserva do (*ininteligível*), de um lado e de outro. Aí não existe, só uma macega feia lá, um junquilha lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não é uma área de preservação?

O SR. ENEILSON GOMES DA SILVA - É, acho que é sim, mas eles falaram que eu tenho que ir pra lá. E é 100 metros só o lote. Eu acho que só a faixa que deixaram da reserva, na fazenda, onde eu fui sorteado com esse lote lá, que eles falam que é meu lá — o 238 é o número do lote —, não existe como um ser humano viver lá, morar lá não. Não tem lugar pra fazer um barraco. E está até na área dos herdeiros lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor, na sua área, alguma vez viu índio ou alguma coisa ali?

O SR. ENEILSON GOMES DA SILVA - Estou quase com 20 anos aqui e nunca vi um índio aí, nunca.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mais alguma coisa que o senhor queira nos dizer a respeito?

O SR. ENEILSON GOMES DA SILVA - Não, acho que é só isso mesmo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sr. Antônio, mais alguma coisa que o pessoal possa colaborar ou o senhor acha que está bem?

O SR. ANTÔNIO BORGES BELFORT - Cada um fala... É o que como eu expliquei: aqui são situações distintas. A questão das indenizações pra aquelas pessoas que eles classificaram de má-fé... Vamos tocar na questão das





indenizações. Por exemplo, para quem eles classificaram de boa-fé, eles colocaram determinadas indenizações. Existem situações aí em que a pessoa se encontra de boa-fé e não tem um centavo pra receber; outros têm 500; outros, 900. É uma imundície a questão das indenizações. Eles não agiram assim, colocando o preço real nas coisas que as pessoas têm. Então, na questão das indenizações dos que tornaram de boa-fé agora, até 2004, isso eles nunca tocaram. E nos laudos não tem avaliação de valor. Consta lá o serviço, uma quantidade de cerca, um curral, uma coisa assim, mas valor não tem. E eles querem cumprir uma determinação judicial sem avaliar nada. É um dos problemas nossos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está bem. Muito obrigado.

Dou por encerrada esta reunião.

Eu vou levar o que os senhores nos disseram para a CPI, vou procurar dar os encaminhamentos que forem necessários, para que vocês tenham aí uma solução mais justa possível pra todo o mundo. Não depende da gente a decisão, eu só levo essa matéria. Mas quero que vocês saibam que a gente se sensibiliza com toda essa situação e não gostaria realmente que vocês estivessem nessa situação.

Muito obrigado. Agradeço a vinda de vocês, agradeço os depoimentos e a mobilização de todo o mundo aqui.

Obrigado.

